

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

A EXTINÇÃO DO “INSTINTO DE ARTÍFICE” E A ESCASSEZ DA “AÇÃO”: UMA CONVERSA ENTRE BAUMAN E SKINNER

Gabriel Geraldo Celestino Tamagi (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Carolina Laurenti (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ggtamagi@gmail.com

Palavras-chave: Bauman. Skinner. Instinto de Artífice. Reforçamento. Cultura.

Bauman descreveu a Modernidade Sólida como resultado de um movimento que buscou superar os entraves medievais, centralizando o ser humano, ao mesmo tempo que secularizava as mais variadas esferas da vida. Esse período foi marcado pela forte presença do Estado, que utilizou de meios segregacionistas para produzir uma sociedade mais normativa e “melhor”. Esse contexto foi problemático e ajudou no processo de superação da era sólida, visando uma maior liberdade individual e uma sociedade que não agredisse seus membros. Isso culminou na Modernidade Líquida. Nessa nova organização social, o capitalismo e a globalização ampliaram-se, causando um aumento no consumismo, que, segundo Bauman, auxiliou na redução da manifestação do “instinto de artífice” nas pessoas. Em outros termos, as pessoas passaram apenas a comprar e consumir em vez de fazer e criar as coisas. Outro autor que faz críticas similares é Skinner. Ele explica que a grande disponibilidade de reforçadores de fácil acesso fez com que as pessoas se envolvessem cada vez menos em qualquer comportamento que apresentasse dificuldade de ser realizado ou que fosse minimamente aversivo. Desse modo, cada vez menos comportamentos passam por um processo longo de reforçamento, mantendo-se apenas pela imediatividade. As ações seriam então mantidas apenas por reforçadores imediatos e efêmeros, reduzindo sua capacidade fortalecedora para o mínimo, isto é, ao encontrarem qualquer dificuldade as pessoas deixam de realizar dada ação ou vão fazer outra coisa que seja reforçada rapidamente. As pessoas, então, contratam outros para fazerem seu serviço, pedem conselhos sobre o que fazer, ou usufruem de bens de consumo pela mera compra. Partindo dessa semelhança entre as análises de Bauman e Skinner, o objetivo desta pesquisa foi identificar o alcance da compatibilidade das teses desses autores sobre as implicações da falta do “comportar-se”. Para tanto foi realizada uma pesquisa de natureza teórico-conceitual. Primeiramente, os textos selecionados foram lidos e fichados em tabelas. Posteriormente, o conteúdo das tabelas serviram para a elaboração do texto final com as comparações das teses de ambos os autores. Os resultados mostram que Bauman problematiza a não realização do “instinto de artífice” porque isso impede as pessoas de desenvolverem e atingirem uma satisfação única por meio de seus próprios esforços, afastando-as de sua definição de felicidade. Skinner, por sua vez, indica que a extrema disponibilidade de reforçadores prejudica as pessoas de desenvolverem comportamentos fortes e relevantes – e que possam promover a sobrevivência da cultura. Logo, o comportamento raramente encontra o efeito fortalecedor, o que dificulta as pessoas de entrarem em contato com reforçadores advindos pelo processo da execução de uma ação mais complexa, como escrever um belo poema, o que poderia deixá-las mais felizes. Considerando os dois autores, conclui-se que as pessoas têm diminuído suas criações – não

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

criam arte, literatura, música, comida etc. – e apenas consomem. Portanto, no que tange à escassez de criações e comportamentos fortes na contemporaneidade, os discursos de Bauman e Skinner, apesar de usarem termos e expressões diferentes, convergem e apontam para as consequências negativas disso: infelicidade, insegurança e baixa tolerância à frustração.